

# Neill de Summerhill: um filósofo da educação pela responsabilidade individual\*

Neill of Summerhill:  
An Educational Philosopher for Personal Responsibility

Ronald Swartz, Ph.D.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Ronald Swartz recebeu seu título de doutor pelo Departamento de Filosofia e História da Educação da New York University em 1971. Atualmente, ele é professor de Educação e Filosofia aposentado. Deu aulas na Oakland University, em Rochester (Michigan) de 1970 a 2011. O doutor Swartz foi um membro em período integral do corpo docente responsável por dar aulas em diversos programas de graduação e pós-graduação. Swartz é coautor da obra: Swartz, R., Perkinson, H., Edgerton, S. Conhecimento e Falibilidade: Ensaio sobre como melhorar a educação. New York: New York University Press, 1980. Swartz publicou mais de quarenta ensaios, artigos e capítulos de livro em diversas revistas de educação, incluindo Teachers College Record e Interchange. Ele é também produtor e moderador dos vídeos da série Educação em Sociedades Multiculturais.

\*Traduzido, com permissão do autor, pelo Prof. Dr. Marcelo Cizaurre Guirau, IFSP São Roque.

---

Submetido em 01/12/2015

Aprovado em 10/12/2015

---

**Abstract:** For those who take on the task of trying to make the ideas associated with the personal responsibility tradition a part of their lives, the work of Neill can become one place to begin to see that learning to “let people live in their own way” may at times be aided by a learning environment that is a fallible liberal democratic self-governing community. And the learning community that Neill founded nearly a hundred years ago has indeed helped to demonstrate that it is possible for many young people to get a valuable, meaningful, and worthwhile education if they are lucky enough to just “hang around” a school such as Summerhill.

**Keywords:** Summerhill. Neill. Philosophy.

---

**Resumo:** For those who take on the task of trying to make the ideas associated with the personal responsibility tradition to part of their lives, the work of Neill can become one place to begin to see that learning to "let people live in their own way" may at times be aided by a learning environment that is a fallible liberal democratic self-governing community. And the learning community that Neill founded nearly a hundred years ago has indeed helped to demonstrate that it is possible for many young people to get a valuable, meaningful, and worthwhile education if they are lucky enough to just "hang around" a school such as Summerhill.

**Palavras-chave:** Summerhill. Neill. Filosofia.

---

É razoável apoiar, ou quem sabe até encorajar, o desenvolvimento de escolas de nível Fundamental e Médio que deem aos estudantes toda a liberdade de escolher entre ir para a aula ou ficar de fora? Essa questão – que eu chamo de problema educacional de tornar o ensino acadêmico opcional em uma escola – é claramente fruto de uma citação do livro *Des-Educação Compulsória*, de Paul Goodman. Em uma de suas muitas tentativas de explicar como as reformas educacionais defendidas por A. S. Neill diferiam daquelas endossadas por John Dewey, Goodman escreveu o seguinte:

Como Dewey, Neill destacou a livre expressão animal, aprendendo ao fazer, e processos comunitários bem democráticos (uma pessoa, um voto – concedendo liberdade a crianças pequenas!). Mas ele também assumiu um princípio que não parecia importante para Dewey: toda a liberdade de escolher entre ir para a aula ou ficar de fora. Uma criança em Summerhill pode só ficar por aí; ela irá para a aula quando lhe dar na telha – e algumas crianças, vindas de escolas compulsórias – não ficam a fim de fazer isso por oito ou nove meses. Mas, depois de um tempo, quando a curiosidade desperta na alma – e desde que seus amigos vão – eles decidem dar uma chance (Goodman, 1965, p. 55).

A citação acima deixa bem claro que aqueles que concordam com a política de Summerhill de tornar o ensino acadêmico opcional na escola dariam de fato uma resposta afirmativa para a questão “é razoável apoiar, ou quem sabe até encorajar, o desenvolvimento de escolas de nível Fundamental e Médio que deem aos estudantes toda a liberdade de escolher entre ir para a aula ou ficar de fora?”. Por outro lado, de acordo com Goodman aqueles que seguem a tradição de Dewey não desejam associar seus programas educacionais a escolas como Summerhill. Todavia, os programas educacionais experimentais que Neill fundou em 1921 de fato se tornaram uma comunidade de indivíduos na qual a liberdade é um aspecto realizável em uma escola frequentada por pessoas dos cinco aos dezoito anos de idade. Neill, suas duas ex-esposas, sua filha – que agora conduz a escola – e os inúmeros adultos e estudantes membros da comunidade de Summerhill aprenderam de fato como fazer um programa

educacional que é um ambiente interessante, desafiador e vibrante onde um aprendizado proveitoso frequentemente ocorre quando as pessoas só “ficam por aí” na escola.

Antes de ler “Des-Educação Compulsória ” de Goodman, eu nunca havia ouvido de A. S. Neill ou de sua mundialmente famosa escola Summerhill. No entanto, no outono de 1964, quando eu era um desiludido estudante no segundo ano de graduação no campus Urbana da Universidade de Illinois, o livro de Goodman me foi recomendado por um dos meus amigos do Ensino Médio e, por motivos que são extremamente difíceis de explicar nesse breve artigo, esse livro sobre como as escolas des-educam estudantes fez todo sentido para mim. Ou seja, depois de ler o livro de Goodman me tornei perfeitamente ciente da possibilidade de que talvez, apenas talvez, eu estivesse sendo des-educado desde o outono de 1950 quando entrei no jardim da infância em uma escola pública bem tradicional de Chicago, Illinois. É desnecessário dizer que a maioria dos estudantes e dos professores da minha universidade não queriam explorar a possibilidade de que estivéssemos engajados em um empreendimento que era des-educador.

Depois de ler o livro de Goodman eu comecei a pensar sobre como eu poderia incorporar alguma liberdade para os estudantes nas aulas que eu frequentava em minha universidade e agora eu tenho uma vaga lembrança de ter levantado minha mão na primeira aula de um curso de inglês que fazia parte dos requisitos para a graduação. Quando chamado a falar pelo professor, eu perguntei a ele se nós poderíamos discutir a lista de leituras obrigatórias com toda a turma. Minha esperança era de que alguns estudantes pudessem ter sugestões sobre a inclusão de livros e artigos que não estavam na lista obrigatória entregue por nosso professor. Além disso, eu sugeri que poderia ser interessante considerar eliminar ou tornar opcionais algumas das leituras obrigatórias porque a lista criada por nosso professor parecia um pouco longa para um curso de graduação.

O professor na aula da universidade da minha juventude não via muito valor na minha tentativa de trazer um pouco de liberdade aos estudantes para que eles tivessem uma palavra sobre o que leriam durante o semestre. Após minha breve solicitação de poder alterar a lista de leituras do programa do curso, meu professor me disse decididamente que em sua classe o professor era a pessoa mais qualificada para decidir o que os estudantes deveriam ler. Além disso, disse-me que a lista de leituras permaneceria como estava no programa do curso, que ele tão cuidadosamente havia criado à luz do conhecimento que havia adquirido ao longo de muitos anos. Uma última observação sobre minha débil e fracassada primeira tentativa de incorporar um pouco de liberdade para os estudantes que cursavam a universidade é que, depois da aula, vários alunos me disseram que ficaram incomodados com o fato de eu ter desperdiçado o tempo de aula com minha ingênua ideia de que os estudantes deveriam participar do processo de decisão sobre o que incluir na lista de leituras de um curso universitário. Meus caros colegas me disseram que o nosso professor era um notável estudioso na sua disciplina acadêmica que havia escrito vários livros. Como aconteceu com meu professor, os alunos deixaram bem claro para mim que o professor era de fato a pessoa melhor qualificada para determinar quais materiais nós deveríamos ler para as aulas.

Os programas educacionais tradicionais que eu frequentei como aluno há mais de cinquenta anos pressupunham a existência de alguns indivíduos sábios que poderiam e deveriam determinar um currículo que todos os alunos deveriam aprender e todos os professores ensinar. Certamente havia, e continua havendo, ampla discussão sobre os indivíduos que de fato são sábios o suficiente para determinar o currículo escolar. Mas, como regra, é comum que, de uma forma ou de outra, programas educacionais tradicionais em todos os níveis escolares ao redor do mundo endossem políticas como a seguinte: professores, desenvolvedores de currículo, estudiosos nas várias disciplinas acadêmicas e outros especialistas educacionais – como diretores e

superintendentes – são autoridades confiáveis que possuem a sabedoria para determinar o que é aprendido na escola. Essa política pode ser definida como a política da autoridade especialista.

A política da autoridade especialista não deve ser vista como uma ideia nova. Pelo contrário, essa política tem raízes históricas em trabalhos como *A República* e *As Leis*, de Platão. Nessas obras, escritas há mais de dois mil anos, Platão deixa bem claro que podem existir indivíduos os quais se tornam tão sábios que possuem conhecimento ou informação valiosos os quais os tornam especialistas que devem decidir o que todos os jovens devem aprender. A visão platônica da sabedoria articulada na *República* se tornou, de fato, a visão dominante do que significa ser uma pessoa sábia.

Em contraste com essa visão do sábio, Sócrates – como ele é retratado na *Apologia* de Platão – sugere que as pessoas sábias são aquelas as quais sabem que sua sabedoria vale pouco ou mesmo nada. Essa visão alternativa – e incomum – do sábio pode ser vista como uma porta aberta para uma política educacional como a seguinte: todos os membros da escola, incluindo os alunos, deveriam ter a oportunidade de ser individualmente responsável por determinar suas próprias atividades escolares e muitas outras políticas que governam a escola. Essa política pode ser definida como a política de responsabilidade individual.

A política de responsabilidade individual pode ser vista como uma incorporação da ideia de que nenhum indivíduo ou grupo de pessoas é tão sábio a ponto de ser visto como um especialista educacional cujo conhecimento é tão maravilhoso que ele de fato sabe o que todas as pessoas devem aprender e fazer na escola. Se endossarmos a visão de que a única porção de sabedoria disponível para um indivíduo é que, na melhor das hipóteses, sua sabedoria vale pouco ou mesmo nada, podemos dizer que ninguém é tão sábio que possa decidir o que todos devem fazer na escola. Em muitos sentidos, a política de responsabilidade individual pode e deve ser vista como fruto da visão socrática de que os sábios

reconhecem que sua própria sabedoria é tão inadequada que é um erro pensar que algumas pessoas são sábias o suficiente para dizer a outras o que elas devem fazer e aprender.

Tanto a política da autoridade especialista quanto a política de responsabilidade individual são ideias que têm profundas raízes na história da filosofia ocidental. Muito do que venho escrevendo aqui sobre as obras de Platão é uma tentativa de incorporar algumas das visões do trabalho desse filósofo sugeridas por Karl Popper em *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*. Ao longo dos últimos cinquenta anos, tenho chegado à conclusão de que, em muitos aspectos, a obra de A. S. Neill em Summerhill é uma tentativa atual de trazer uma maneira socrática de ensinar e aprender para um programa educacional em nosso mundo moderno. Certamente, Neill não era o tipo de escritor ou reformador educacional que citava passagens de filósofos famosos, mas, próximo ao final da vida, ele observou que sua filosofia inclui a noção de que “nenhum homem é bom o suficiente, sábio o suficiente para dizer a outros como viver”. Ou seja, para Neill:

Filosofia significa o estudo do que é importante na vida e, como todos temos interesses diferentes, nossas filosofias são muitas. Isso leva a uma incompreensão universal. Penso que minha filosofia, em grande medida, é deixar as pessoas viverem da sua própria maneira e, de fato, isso resume Summerhill. Tenho escrito repetidamente que nenhum homem é bom o suficiente, sábio o suficiente para dizer a outros como viver, mas estou consciente do fato de que, ao dirigir uma escola com liberdade para as crianças e depois escrever sobre isso, estou assumindo que estou tentando dizer aos leitores como viver, o que significa que estou consciente de ser um impostor (Neill, 1992, p. 267).

Neill não era um impostor e seu trabalho em Summerhill e seus escritos não precisam ser vistos como uma tentativa de dizer a outras pessoas como viver suas vidas ou como educar suas crianças. Ao contrário, como com Sócrates antes dele, Neill sabia que qualquer sabedoria que ele tivesse adquirido em sua longa vida de quase noventa anos não valia muito. Mas Neill teve, sim,

a coragem de fazer escolhas impopulares sobre como ele desejava viver e como ele queria dirigir uma escola. O resultado dessas escolhas pode ser visto como uma vida e uma escola que ajudaram a desenvolver uma moderna filosofia educacional liberal, democrática e auto governável que usava uma versão da política de responsabilidade individual como princípio condutor para uma reforma gradual no campo da educação. Neill pode ser visto como um dos mais marcantes educadores do Século XX. Ele deu uma contribuição significativa para o que chamamos de tradição da responsabilidade individual em educação.

A obra de Platão incorpora duas tradições educacionais bem distintas. Essas duas tradições podem ser definidas como a tradição da autoridade especialista e a tradição da responsabilidade individual. A primeira tradição inclui uma versão da política da autoridade especialista. A segunda tradição inclui uma versão da política de responsabilidade individual. Ao longo dos últimos 2500 anos, a tradição da autoridade especialista tem claramente dominado o pensamento sobre educação ao redor do mundo. No entanto, com o passar do tempo um grande número de pessoas eventualmente irá ver que, de várias formas, é melhor desenvolver programas educacionais adicionais que sejam parte da tradição da responsabilidade individual. Ou seja, em um futuro distante pode eventualmente ser decidido que partes da tradição da responsabilidade individual são mais satisfatórias que a tradição da autoridade especialista. Com o tempo, mais e mais pessoas podem decidir que escolas de responsabilidade individual são mais satisfatórias que programas educacionais de autoridade especialista.

Certamente, não será uma tarefa fácil explicar que escolas de autoridade especialista precisam ser substituídas por escolas de responsabilidade individual. A tarefa é de fato enorme e, às vezes, pode ser vista como esmagadora. Mas, para pessoas que, como Neill, tomaram a decisão de trabalhar dentro da tradição da responsabilidade individual a tarefa tem o potencial de oferecer ao indivíduo uma valiosa empreitada que pode ajudar pessoas a descobrir que há

valor em cada um tentar viver sua vida de sua própria maneira. A ampla revolução educacional pode de fato estar em um futuro distante ou mesmo nunca acontecer. No entanto, uma revolução educacional mais modesta – que pode ser experienciada por indivíduos de todas as idades – é uma questão de se perceber que confiar a educação de alguém a especialistas pode não ser tão satisfatório quanto aprender que é melhor confiar em si mesmo, ainda que se cometam erros e não se receba a aprovação de especialistas.

Para aqueles que assumem a tarefa de tentar tornar as ideias associadas à tradição da responsabilidade individual parte de suas vidas, o trabalho de Neill oferece um lugar para se começar a ver que o aprendizado para “deixar as pessoas viverem da sua própria maneira” pode, às vezes, ser ajudado por um ambiente de aprendizado que seja uma comunidade liberal, democrática e auto governável. A comunidade de aprendizado que Neill fundou há quase cem anos tem de fato ajudado a demonstrar que é possível para muitos jovens receber uma educação valiosa, significativa e proveitosa, se eles tiveram a sorte de só “ficar por aí” em uma escola como Summerhill..

## **Referências**

Goodman, Paul. *Compulsory Mis-Education*. New York: Horizon Press, 1964.

Neill, Alexander S. *Summerhill School: A New View of Childhood*. Edited by Albert Lamb. New York: St. Martin's Press, 1992.